

1994

O que pode separar

O Partido da Ordem, possivelmente dominado naquele então pelo que chamamos de *partido do medo*, pode estar cometendo o mesmo e perigoso risco que correu na eleição de Fernando Collor de Mello: jogar tudo na personalidade do candidato, por um lado; acreditar nas forças ocultas da História, ou no "movimento" que impulsionariam o vitorioso e reformador. A personalidade é importante em qualquer processo político, quando mais não seja porque é a pessoa do vitorioso que estabelecerá as normas para que se adotem as decisões de governo, que poderão se transformar em decisões de Estado. As forças ocultas da História, essas existem, mas se manifestam

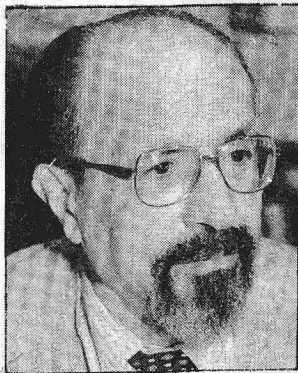
através da maneira pela qual os indivíduos, com sua personalidade, as captam. O "movimento" só será tal se for organizado enquanto movimento, enquanto *partido* — e então se colocará o difícil problema de saber se é a vontade do secretário-geral (ou do presidente da República) que manda ou a do partido.

Collor traduziu algumas das forças ocultas, mas não criou movimento algum que sustentasse a visão que tinha do futuro. O Partido da Ordem, talvez novamente influenciado pelo *partido do medo*, está apostando tudo na personalidade sem se dar conta de que além das ditas forças ocultas da História (que são vistas por ele como as que sustentam suas pretensões econômicas e sociais), há as forças ocultas que são antissistêmicas. Aliás, muitas dessas forças não são ocultas: esbofeteiam-nos todos os dias. Além disso, o Partido da Ordem não se deu conta de que sua união, antes das eleições, começou a rachar com a greve no ABCD e que a brecha poderá alargar-se a partir do instante em que os fatores reais de poder forem colocados frente a frente e o futuro presidente tiver de escolher. A escolha será tanto mais traumática, quanto não poderá ser a da "coluna do meio", pois então boa parte do Partido da Ordem retirará o apoio que dá ao candidato, agora.

É curioso observar como as ditas forças ocultas da História trabalham. O Partido da Ordem, na descrição clássica que se encontra no "18 brumário", tinha como lema "Família, Propriedade, Religião, Ordem". O Partido da Revolução era obviamente a negação desses quatro pilares sagrados. No Brasil de hoje, a negação da família não está em causa pela simples razão de que os costumes deram saltos e hoje não fica bem defender os ideais de família da Santa Madre ou das Igrejas Protestantes históricas; a Religião enroscou-se de tal maneira na frente de luta contra as seitas, que também não está em causa — embora em algumas igrejas pentecostais se diga que Lula fechará as igrejas.

Isso, porém, é mera propaganda eleitoral. Ninguém sustenta a luta contra a Propriedade — pelo contrário, os sem-terra, que integram as chamadas forças ocultas da História, querem reafirmar o direito de propriedade — para eles. Estaria em jogo, então, a Ordem — que ninguém sabe definir concretamente que coisa seja, tal a desordem que está instalada seja na sociedade como um todo, seja no aparelho de Estado.

Por mais que pareça sem sentido a afirmação, o que se disputa nesta eleição é saber que papel o Brasil quer desempenhar no mundo — daí a discussão, que já divide empresários, sobre a abertura do mercado. Antes dos primeiros ensaios do Plano Real — quando se chamava ainda Plano FHC —, boa parte do empresariado estava resignada com a vitória de Lula. Afinal, sua visão das coisas do mundo o levariam a defender interesses estabelecidos dos capitalistas produtivos e nacionais. Depois, perceberam que tinham tomado a nuvem por Juno e mudaram de rumo. Agora, dividem-se em torno da tarifa de 14%. É em torno da abertura do mercado brasileiro que se travará a batalha entre os fatores reais de poder. Será nesse campo que o futuro presidente e o Partido da Ordem deverão se entender, ou separar-se...



■ Oliveira S. Ferreira é diretor do 'Estado'

É em torno da abertura do mercado que se travará a batalha entre os fatores reais de poder